

## HOMOFOBIA E INVISIBILIDADE NA EDUCAÇÃO

*Valéria dos Santos Noronha Miranda*

*Simone Brandão*

Os direitos das pessoas que vivem relações homoafetivas vêm lentamente se inscrevendo na agenda de direitos humanos e juntamente com a discussão sobre as diversas possibilidades de expressões da sexualidade, conquistando espaço como objeto de estudo entre pesquisadores que buscam não só produzir conhecimentos que se contraponham à hegemonia do senso comum sobre as homossexualidades, mas romper paradigmas que fundamentam e legitimam uma sociedade heteronormativa. Apesar de já fazer parte dessa agenda, a homossexualidade e seus direitos ainda são temas controversos e atravessados pela homofobia, preconceito fortemente arraigado na sociedade que se traduz, frequentemente na violência física sofrida pelos homossexuais. Na sua forma mais letal e cruel, a homofobia, vitimou no ano de 2011, no Brasil, 266 pessoas entre gays, travestis e lésbicas. Nesse triste quadro, a Bahia desponta como o estado com maior número de homicídios no período. Segundo o jurista argentino Daniel Borillo (2001), a homofobia diz respeito à atitude de hostilidade para com os homossexuais, sendo mais do que uma simples rejeição irracional e sim uma manifestação que considera o outro como “contrário, inferior ou anormal”. Nesse sentido o conceito recobre o preconceito e a discriminação sofrida por lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais em função de sua orientação sexual e de sua identidade de gênero. As atitudes de homofobia, lesbofobia, racismo, sexismo, manifestadas, seja na violência interpessoal ou institucional, seja ela real ou simbólica estão presentes no cotidiano e trazem consigo a negação e a violação de direitos. É de fundamental importância, portanto, pensar esse cotidiano levando em consideração a patologização, as classificações e a discriminação produzida que perpassam as instituições sociais. Neste sentido, consideramos a educação como um espaço essencial de socialização e é neste mesmo espaço que desde o ensino fundamental se configuram e (re)configuram vínculos, trocas mas também práticas homofóbicas. É preciso construir uma prática pedagógica que seja estratégica no enfrentamento às invisibilidades perversas que estão presentes na homofobia e que impedem o olhar crítico sobre o fazer profissional, bloqueiam o livre desenvolvimento das sexualidades e subjetividades bem

como a construção do respeito às homossexualidades e às diversas expressões das sexualidades.

Palavras-chave: educação, invisibilidades, homofobia.